As Manifestações do Feminismo Islâmico em São Paulo

Ana Araújo Silva, aluna voluntária do curso técnico de Informática para Internet integrado ao Ensino Médio no Campus Avançado São Miguel Paulista, aa28silva@gmail.com
Leonardo Alves da Cunha Carvalho, professor orientador no Campus Avançado São Miguel Paulista, leonardo.alves@ifsp.edu.br

RESUMO: O projeto em questão estudou o feminismo islâmico, um movimento político-religioso que se apoia em uma visão específica do Alcorão e de outros escritos teológicos muçulmanos para organizar uma dupla resistência: contra manifestações de intolerância religiosa oriundas do Ocidente, que podem denotar certa atualização do discurso orientalista, e contra a subjugação das mulheres muçulmanas no seio de sua própria religião. Além de sistematizar, via revisão bibliográfica, como esse movimento estruturou, se organiza e age em regiões como Egito, Turquia, Irã e outras partes do Oriente Médio, o projeto buscou compreender a existência e as formas de luta do movimento em solo brasileiro, onde se estima que o número de seguidores da religião islâmica seja entre cem mil e um milhão. Tendo como cenário mais específico o município de São Paulo, a intenção foi entrar em contato com ativistas e pesquisadores na cidade e mapear distintas visões e práticas acerca do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento feminista; gênero; Islã; mulheres islâmicas; feminismo islâmico; feminismo secular.

Islamic Feminism in São Paulo

ABSTRACT: The project studied Islamic feminism, a political-religious movement that relies on a specific view of the Qur'an and other Muslim theological writings to organize a double resistance: against manifestations of religious intolerance from the West, which may denote a certain update of the orientalist discourse, and against the subjugation of Muslim women within their own religion. In addition to systematizing, via bibliographic review, how this movement structured, organizes and acts in regions such as Egypt, Turkey, Iran and other parts of the Middle East, the project sought to understand the existence and forms of struggle of the movement on Brazilian soil, where the number of followers of the Islamic religion is estimated to be between one hundred thousand and one million. With the city of São Paulo as the most specific scenario, the intention was to get in touch with activists and researchers in the city and map different views and practices about the phenomenon.

KEYWORDS: Feminist movement; gender; Islam; Islamic women; Islamic feminism; secular feminism.

INTRODUÇÃO

Embora recente, o conceito de feminismo islâmico surgiu no mundo muçulmano, universo formado principalmente pela região do Oriente Médio, África Setentrional e países do Sudeste Asiático, cujas culturas, políticas e práticas sofrem significativa influência da religião islâmica. Intermediário entre o feminismo secular de mulheres muçulmanas e o ativismo islamista de mulheres muçulmanas, o feminismo islâmico ganhou seu espaço ao crer fortemente no islã e por encontrar nele as justificativas para um mundo com menos discriminação de gênero, inclusive identificando nele elementos para fortalecer a identidade e religiosidade das mulheres muçulmanas, empoderando-as. Extremamente variável de acordo com o país do mundo islâmico em que ocorre, o eixo central do movimento é a luta pela reinterpretação das fontes religiosas que foram vistas sob um olhar patriarcal, para que se chegue a uma *ummah* (comunidade islâmica) sem domínio masculino, ancorada no conceito de complementaridade de gênero.

As estimativas afirmam existir entre 100 mil e 1,5 milhão de muçulmanos espalhados pelo Brasil. Nossa pesquisa pretendeu estudar as manifestações do feminismo islâmico nesse contexto, em que a religião muçulmana está longe de ser a majoritária no país. Para isso, entrevistamos algumas mulheres, sendo uma delas feminista islâmica, duas feministas muçulmanas e uma pesquisadora do islã e dos feminismo islâmico e secular e também do ativismo islamista de mulheres muçulmanas. Um dos principais obetivos foi entender qual a visão de mulher no feminismo islâmico e como ele lida com os escritos do Alcorão e outros escritos teológicos mais recentes.

MATERIAL E MÉTODOS

1. Revisão bibliográfica sobre Oriente Médio, Islã, islamismo, feminismo, e feminismo slâmico e suas personalidades.
2. Pesquisa empírica:
    2.1. Mapeamento de mulheres islâmicas, preferencialmente ligadas a alguma vertente feminista ou aos direitos das mulheres.
    2.2. Realização de entrevistas qualitativas individuais com mulheres muçulmanas e/ou pesquisadores do tema.
3. Análise de dados:
    3.1. Estabelecimento de conexão entre o movimento externo, com suas principais pautas, estratégias de organização, comunicação e reinterpretação dos textos segurados e o movimento de mulheres islâmicas brasileiras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender o contexto desse movimento em São Paulo, o primeiro passo foi mapear mulheres que se identificaram como feministas islâmicas ou muçulmanas feministas, o que não foi muito difícil, contando com o auxílio das redes sociais e de Muhammad Puncha, podcaster muçulmano que fala sobre Islã. Cerca de dez mulheres foram encontradas e cinco foram escolhidas para as entrevistas individuais – embora apenas quatro entrevistas tenham sido realizadas, sendo duas online e duas presenciais. Entrevistamos uma feminista islâmica, uma feminista muçulmana interseccional, uma feminista secular muçulmana e uma pesquisadora do tema, que se reivindica cristã. Para as entrevistas foram criadas preliminarmente grades com os assuntos a serem passados, para em seguida estabelecer as perguntas a serem feitas.

Para a primeira entrevistada, elaboramos diversas perguntas focando em sua página do Facebook sobre o assunto e também na sua escolha de retirar o véu. A segunda entrevistada teve perguntas mais focadas em sua atividade de influenciadora digital, falando sobre exposição e viabilidade do assunto na Internet. A terceira entrevistada foi questionada principalmente sobre sua tese de doutorado e sobre personalidades do feminismo islâmico citadas na tese. A quarta e última entrevistada teve mais perguntas sobre suas pesquisas sobre a relação entre feminismo, mulheres islâmicas e o debate sobre uso do véu e também em sua própria escolha de colocar o véu.

A primeira entrevista foi online, com uma convertida ao Islã há quase dez anos. Ela se declara como feminista islâmica e feminista radical, é administradora da página sobre o tema no Facebook, a maior fonte de informação brasileira ao se pesquisar sobre o assunto nessa rede social. Com definições contrárias às que encontramos na revisão bibliográfica, a entrevistada repudia o uso do véu e alega estar segregada das mesquitas, além de rejeitar os *hadith*, alegando que eles validam práticas do Estado Islâmico e até ofenderiam o profeta. Também rejeita o véu, alegando que não existe uma recomendação do seu uso no Alcorão e que ele supostamente passa uma mensagem de mais respeito à mulher que o utiliza, quando ela acredita que toda mulher deve ser respeitada. Afirma também que tirou o véu por não conseguir emprego. Algo muito interessante é sua definição de "feminista islâmica", que seria igual à feminista radical, só que com uma influência da religião, a qual ela diferencia da "muçulmana feminista", que reconheceria o patriarcado e o aceitaria dentro da *ummah*.

A segunda entrevista foi também online, por chamada de voz, com uma influenciadora digital convertida ao Islã há pouco tempo. Ela se declara feminista interseccional (ou seja, engajada nas lutas contra múltiplas opressões existentes e que convergem com o machismo, tais como o racismo, o

capacitismo e a exploração capitalista) e aparentou estar bem resolvida com os ideais do feminismo islâmico. Alegou que já era feminista antes da conversão, embora isso tenha se intensificado seu engajamento. Ela é influenciadora digital e utiliza sua fama, mesmo que pouca, para falar sobre seu véu e sua identidade, tendo sido bastante atacada devido a vídeos de sua autoria, como "Os estereótipos da mulher muçulmana" ou "Empoderamento feminino da mulher muçulmana". Destacou bastante a visão errada que existe sobre o Islã aqui no Brasil, especificamente a visão sobre as mulheres muçulmanas. Também falou sobre ser feminista interseccional, alegando não se considerar feminista islâmica por não viver a realidade das mulheres em países islâmicos, porém, aparentou concordar com a reinterpretação de algumas fontes – o que é base do feminismo islâmico. Sua mensagem final foi, basicamente, que a mulher muçulmana precisa da sua voz, que ela precisa ser escutada e não colocada de lado, seja por homens ou por mulheres ocidentais e não-islâmicas.

A terceira entrevista foi realizada presencialmente com pesquisadora doutora em História, com tese desenvolvida sobre o tema. Uma das poucas estudiosas sobre o feminismo islâmico no país, foi bastante receptiva e didática, explicando sobre os três tipos de movimentos sociais de mulheres no mundo muçulmano, assim como sobre a pluralidade desses movimentos em cada país do mundo muçulmano. Ela enfatizou a territorialização, afirmando que não é possível falar sobre um feminismo único, visto que os países são culturalmente muito diversos, com reivindicações diferentes, citando os exemplos das lutas contra o apedrejamento e a mutilação genital femininos. Em seguida, a pesquisadora abordou os projetos de emancipação de cada um dos grupos, usando como exemplo o véu. Enquanto as islamistas acreditam que o véu exterioriza sua fé, e portanto deve ser usado de forma obrigatória, as seculares acreditam que o lenço é ligado à dominação masculina e deve ser totalmente repudiado. As feministas islâmicas trazem um discurso sobre a escolha pessoal de cada muçulmana, alegando que ela pode ser um instrumento de dominação e opressão quando obrigatória, mas que, quando seu uso é uma escolha, passa a ser um símbolo de identidade e resistência.

A quarta e última entrevista foi com outra pesquisadora, doutora em antropologia social, dedicada à reflexão científica sobre o Islã há mais de 20 anos, autora de diversos artigos e textos sobre a mulher muçulmana e sua religiosidade. Ela se considera feminista secular com tendências interseccionais, porém, contrariando as definições, utiliza e promove o uso do véu como objeto identitário. Além de professora universitária, é também influenciadora digital e fala bastante em seu perfil na rede social Instagram sobre direitos femininos já prometidos no Islã. Na entrevista, discorreu sobre a associação estigmatizadora entre Islã e terrorismo, defendendo que islã significa paz e que a desinformação das pessoas, com auxílio importante da mídia, faz essa ligação de forma errônea. Assim como criticou a ideia da necessidade de se salvar as mulheres muçulmanas, como se elas não tivesse autonomia e fossem oprimidas por conta do uso do véu, tornando-as o principal alvo desse preconceito contra muçulmanos. Reconheceu a existência de mulheres muçulmanas que são oprimidas, agredidas ou violentadas, mas diz que o fenômeno é global, não relativo a uma religião ou país – trazendo o exemplo do número altíssimo de crianças abusadas por seus próprios parentes na sociedade brasileira. Em seguida, comentou sobre a seguinte afirmação, presente em um de seus artigos: "considerar que toda mulher que usa burca ou niqab é submissa e deve ser salva pelos ocidentais é tão violento quanto obrigá-la a usar tal vestimenta", citando o caso da França, que anos atrás proibiu o uso de burca e niqab em espaços públicos. Ela alegou que muitas mulheres não se veêm sem o niqab, pois é um artefato étnico e religioso que constitui sua identidade. Portanto, obrigar ou proibir compulsoriamente o uso são gestos que agridem a mulher muçulmana.

As três mulheres islâmicas entrevistadas concordaram, principalmente, em dois pontos: a existência de um preconceito contra muçulmanos no Brasil, comumente atrelado ao véu e ao terrorismo, e a noção de que Islã significa paz e amor. Elas mencionam esse preconceito por parte dos brasileiros, em lugares públicos como ruas ou trens, e por parte das empresas, que resistem em contratar mulheres que usam o véu. Esse lenço, porém, é um dos temas de maiores discordâncias dentre as muçulmanas brasileiras. Enquanto uma delas discorda da obrigatoriedade do véu que existe em alguns países, destaca que a maioria das mulheres muçulmanas do mundo árabe o utilizam por escolha própria. Por sua vez, a primeira entrevistada afirmou que apesar do véu não ser obrigatório em alguns países, existe uma pressão social para que ele seja utilizado. Por fim, uma das pesquisadoras também chamou a atenção ao se distanciar do termo feminista, algo comum dentre as muçulmanas de países árabes, que afirmam esse ser um movimento ocidental, e por tanto, exclusivo.

Nenhuma delas afirmou conhecer grupos de feministas muçulmanas ou feministas islâmicas aqui no Brasil, nem de existir no país alguma reivindicação específica nesse sentido. O mais próximo disso foi o grupo no WhatsApp de mulheres muçulmanas do qual uma delas afirmou participar. O que destacaram foi a existência de uma luta contra a islamofobia e a islamofobia de gênero no Brasil, assim como também existe no resto dos países ocidentais.

CONCLUSÕES

O primeiro elemento a ser citado é a denúncia da islamofobia e do orientalismo no Brasil, que aparece em todas as discussões, por homens e mulheres muçulmanos. Para elas, em específico, é citada a islamofobia de gênero, onde as mulheres são foco dos ataques e o véu se torna uma espécie de "alvo". Assim, mulheres muçulmanas são vistas como oprimidas e coitadas, que precisam da ajuda do mundo ocidental para atingirem sua liberdade. Tal ideia torna a agressão verbal recorrente e comum em suas vidas, principalmente quando usam o lenço, já que assim se torna mais fácil serem reconhecidas.

Outro elemento bastante comum nas religiões, e também no islã, é a existência de diversos grupos e suas respectivas ramificações. Percebemos essa fragmentação nos três movimentos estudados de mulheres estudados na revisão bibliográfica (islamistas, feministas seculares e feministas islâmicas) e também no movimento coranista. Mesmo que não citado por esta última, conseguimos encontrar, tanto na página, quanto no seu perfil pessoal e nas entrevistas, dizeres e opiniões com esse viés. Diferente dos feminismos e fundamentalismos radicais que aparecem também em outras religiões ou até mesmo grupos étnicos, o coranismo é específico do islã.

A primeira entrevistada teve experiências bem marcantes como muçulmana. Alega ter sofrido preconceito dentro das mesquitas por não usar o véu – algo que, apesar de considerarmos totalmente plausível, não foi encontrado em nenhuma outra investigação feita no decorrer da pesquisa. Também relata ter sofrido preconceito por usar o véu enquanto procurava se estabelecer no mercado de trabalho, ficando muito tempo procurando emprego e destacando a necessidade de tirar o véu para conseguir se fixar na sociedade. Embora outras entrevistadas critiquem com veemência o fato de uma mulher não poder escolher a não utilização do véu, não chegaram a passar por uma situação dessas. Também cita episódios de preconceito em sua vida, como piadas no seu local de trabalho e agressões verbais, coisas que parecem estar muito presentes na vida da mulher muçulmana ocidental que utiliza véu.

Algo interessante que surgiu fortemente em duas entrevistas foi o conceito de feminismo interseccional, que pode ser visto como uma vertente feminista que faz múltiplos recortes de opressões e vivências ao analisar as estruturas sociais de dominação, ou seja, um feminismo que assume que mulheres também podem oprimir mulheres em determinados contextos sociais e históricos. Ao se definirem como sendo desse movimento, as duas entrevistadas conseguem orquestrar uma participação no movimento feminista como mulheres muçulmanas que podem tanto oprimir como ser oprimidas, dependendo principalmente da região onde estão.

Visto que o feminismo islâmico acredita no gradualismo e na educação islâmica através das ONGs, houve crítica a essa comunicação discursiva e exclusivamente educativa, assim como ao claro limite entre a ação em conjunto com o feminismo secular e inação do movimento quando sozinho. Por fim, uma das pesquisadoras criticou o feminismo islâmico com tendência coranista, alegando que não ajuda as mulheres muçulmanas e questionando sua legitimidade como um movimento feminista e como movimento islâmico.

É possível enxergar que no movimento feminista islâmico a mulher é vista como diferente do homem, porém de forma alguma inferior. A mulher teria suas tarefas principais e o homem teria as suas, porém, ambos se completam e complementam. Segundo as feministas islâmicas, esse é o sentido das fontes religiosas, sendo essa reinterpretação a estratégia de luta fundamental do movimento.

Restam, portanto, algumas questões a serem respondidas com mais clareza, como: onde estão as mulheres muçulmanas portadoras ou não do véu? Qual a legitimidade de um feminismo islâmico com tendências coranistas? Qual a participação masculina nos movimentos feministas muçulmanos? O que o feminismo islâmico pode fazer para se autopromover afora a utilização da educação islâmica? Seria mesmo necessário uma reforma no Islã para que as reinterpretações fossem feitas? Como surgiram e se proliferaram cada um dos véus em suas principais regiões? Como as feministas muçulmanas se articulam com o movimento feminista já existente no Brasil?

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres, islâmicas ou não, que dispuseram sua experiência, expectativa e conhecimento para que a discussão sobre a relação do Islã com as mulheres se torne cada vez maior dentro do espectro mundial. Agradeço também ao meu professor orientador Leonardo, cujo trabalho, consideração e motivação foram primordiais para o sucesso do estudo. E finalizo agradecendo aos meus pais, que me deram suporte em todos os dias que fiquei trancada no quarto escrevendo, e aos meus amigos, que tentaram, ao máximo, me deixar confortável durante toda a trajetória.

REFERÊNCIAS

AMIRI-AFRI, Wahiba. Véu, símbolo de opressão? O sagrado na história: Islamismo. 2010, p.75 – p.81.

CHEBEL, Malek. Os cincos pilares da fé. O sagrado na história: Islamismo. 2010, p.19 – p.21.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Diálogos sobre o uso do véu (hijab): empoderamento, identidade e religiosidade. Perspectivas, v.43, 2013.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. PAIVA, Camila Motta. Sexo/prazer no Islam é devoção. Relig.soc. [online]. 2017, vol.37, n.3. p.198 - p.223.

LIMA, Cila. Feminismo islâmico no Oriente Médio: Egito e Turquia. Universidade de Porto, 2012.

LIMA, Cila. Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos. São Paulo, 2017.

LIMA, Cila. PUNCHA, Muhammad. Feminismo islâmico. ONDE Islã #009, 2018. Disponível em: <http://www.onomedissoemundo.com/2018/04/onde-isla-009-feminismo-islamico/> Acesso em: 13 dez. 2019.

OLIVEIRA, Fabiola. PUNCHA, Muhammad. Muçulmana e feminista online. ONDE Islã #002, 2018. Disponível em: <http://www.onomedissoemundo.com/2017/08/onde-isla-002-muculmana-e-feminista-online/> Acesso em: 13 dez. 2019.

RIAL, Carmen. Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaut. Florianópolis, Estudos Feministas, 2008.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A implantação e o crescimento do islã no Brasil. Estudos de Religião, v. 26, n. 43, 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. São Paulo, Companhia de Bolso, 2016. 523 p.

TOHIDI, Nayereh. Direitos das mulheres e movimentos feministas no Irã. SUR 24, .13,